
PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE GEOGRAFIA
(UFPE)

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

CONSIDERAÇÕES SOBRE A GÊNESE, A EXPANSÃO E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS FÁBRICAS DE MESAS PARA BILHAR NA PEQUENA CIDADE DE JAGUAPITÃ-PR

Léia Aparecida Veiga¹

¹.Doutoranda Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, PR. Email: lveiga.geo@gmail.com

Artigo Recebido em 05/01/2012 e Aceito em 09/09/2012

RESUMO

Centro de produção especializado, a pequena cidade de Jaguapitã-PR detém esta característica em função de sua significativa produção de mesas para bilhar e por concentrar 46 unidades industriais em atividade, destacando-se assim de demais centros urbanos. Mediante este contexto, objetivou-se com este trabalho entender a origem e a expansão das fábricas de mesas para bilhar em Jaguapitã-PR, bem como caracterizar a organização do trabalho nesses estabelecimentos. Esta especialização e expansão, com gênese no final da década de 1960, surgiram a partir de iniciativas de agentes sociais locais detentores de poucos recursos. Verificou-se que a produção das mesas não é realizada nos moldes produtivos taylorista e nem fordista, tão pouco foram adotados princípios da produção toyotista, mas há sim, baixíssimo nível de divisão social do trabalho e o uso de equipamentos muito simples que permitiram, até certo ponto, a forte presença e expansão das indústrias de mesas para bilhar nesta pequena cidade. O desenvolvimento e a consolidação desse ramo industrial na cidade acabaram por atribuir um novo papel a Jaguapitã-PR que passou a ser um centro urbano especializado na fabricação de mesas para bilhar, após década de 1970.

Palavras-chave: Jaguapitã-PR, especialização produtiva, mesas para bilhar, gênese e expansão, organização do trabalho.

CONSIDERATIONS ON THE GENESIS, THE EXPANSION AND ORGANIZATION OF WORK IN FACTORIES OF POOL TABLES IN THE SMALL TOWN OF JAGUAPITÃ-PR

ABSTRACT

Center of specialized production, the small town of Jaguapitã-PR has this feature because of its significant production of pool tables and by concentrates 46 industrial units of this activity, thus highlighting other urban centers. Under this context, the aim of this work was to understand the origin and expansion of manufacturing pool tables for Jaguapitã-PR, as well as to characterize the organization of work in these establishments. This specialization and expansion, with genesis in the late 1960s, emerged from initiatives of local social agents in possession of scarce capital. It was found that the production of tables is not performed in the mold production molds of Taylorist or Fordist principles or even by the Toyota production principles, but is rather very low level of social division of labor and the use of simple equipment that allowed, to some point, the strong presence and expansion of industries pool tables in this small town. The development and consolidation of this branch of industry in the city eventually assign a new role to Jaguapitã PR-which became an urban center specializing in the manufacture of pool tables, after the 1970s.

Keywords: Jaguapitã-PR, productive specialization, pool tables, genesis and expansion, organization of work.

INTRODUÇÃO

As transformações da urbanização brasileira desde as últimas décadas do século XX colocaram em relevo algumas questões que passaram a afetar de modo mais intenso as pequenas cidades¹. Dentre estas, tem-se outra etapa da desconcentração industrial a partir das metrópoles e que, na lógica capitalista de maximizar os lucros e articuladas a diferentes fatores locais, acabaram por encontrar em pequenas cidades uma das localizações viáveis para sua realização.

Para Fresca (2002, p. 17) na medida em que processos gerais incidiram em redes urbanas regionais, uma das possibilidades de realização dos mesmos, foi a “[...] criação de uma heterogeneidade que antes não estava presente e onde o que mais se ressalta é a continuidade da diferenciação e redefinição dos lugares [...]”. Articulada à complexificação da divisão territorial do trabalho tem-se caminhos teóricos para o entendimento de que as pequenas cidades podem ser refuncionalizadas; desenvolvendo especializações produtivas, sejam elas

oriundas de investimentos locais e regionais ou pode ainda vincular-se a investimentos extra-regionais.

Vinculado a esta construção analítica, a especialização produtiva precisa ser analisada à luz das implicações que a mesma provoca na pequena cidade. Em outras palavras, em uma pequena cidade a especialização assume várias possibilidades como ser a maior geradora de empregos locais; a maior geradora de impostos municipais; sem que para tal a amplitude produtiva a coloque como importante controladora do mercado nacional ou regional. É o que ocorre com Santo Antonio do Sudoeste, localizada no extremo sudoeste do Paraná com aproximadamente 18.912 habitantes (IBGE, 2010), especializada na indústria confeccionista, mas que não tem produção expressiva no contexto regional ou nacional.

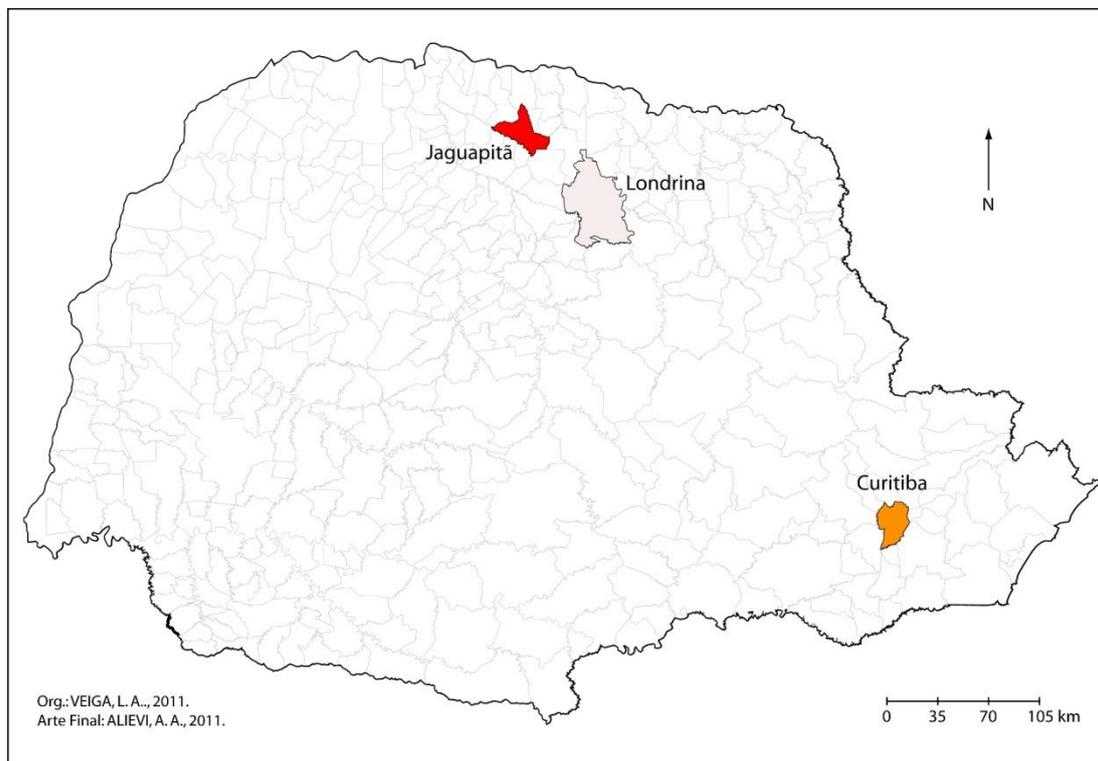
Por outro lado, a especialização pode assumir volumes produtivos que coloca a pequena cidade como a responsável por parcela significativa da produção nacional e regional, como no caso de Loanda. Cidade com cerca de 20.915 habitantes (IBGE, 2010), localizada no noroeste do Paraná e especializada na produção de metais sanitários, controlava cerca de 15% da produção nacional segundo FRESCA (2009).

¹ Neste trabalho, pautando-se na perspectiva de Santos (1982), Corrêa (1989) e Fresca (1990, 2001, 2004), acredita-se que o caminho para a análise e caracterização de uma cidade como sendo pequena, seria a compreensão de sua inserção numa dada área, região ou rede urbana, entendimento esse que deve estar correlacionado à formação econômica social e espacial da região ou rede urbana.

No caso desse estudo, chama-se a atenção para Jaguapitã (Figura 01), com 12.060 habitantes (IBGE, 2010), localizada cerca de 50 km de Londrina (sentido noroeste) e inserida na rede urbana norte-paranaense. Essa pequena cidade tem ofertado, nas últimas décadas, serviços e bens (comércio varejista) de consumo frequente à

população local e de uma pequena hinterlândia. Entretanto, destaque deve ser dado ao setor industrial, que desde o ano de 1990 vem concentrando, apenas na área urbana, inúmeras fábricas de mesas para bilhar, podendo ser caracterizada enquanto um centro especializado nesse tipo de produção.

Figura 01: Localização do município de Jaguapitã no estado do Paraná.



Tal caracterização, segundo Veiga (2007), advém do fato dessa pequena cidade, a partir da década de 1990, ter apresentado uma produção expressiva, oscilando entre 20% e 30% da produção nacional e, principalmente, pelo fato da mesma concentrar 46 unidades industriais em atividade, destacando-se assim das demais cidades nacionais em relação à

quantidade de estabelecimentos que produzem esse produto.

A partir dos estudos realizados por Veiga (2007) e de levantamentos de campo feitos em 2011, objetivou-se com este estudo entender como ocorrera a origem e a expansão das fábricas de mesas para bilhar na cidade de Jaguapitã, bem como caracterizar a organização do trabalho

nesses estabelecimentos. O texto foi estruturado de forma a discutir-se inicialmente sobre a gênese e a expansão das fábricas de mesas para bilhar, para em seguida abordar-se a organização do trabalho nesses estabelecimentos fabris após a década de 1970. Para tanto os procedimentos operacionais foram estabelecidos a partir de fontes primárias (entrevistas qualitativas junto a fabricantes de mesas para bilhar em Jaguapitã 2006, 2007 e 2011) e de fontes secundárias (referencial teórico).

Gênese e expansão da produção de mesas para bilhar

O início do processo fabril de mesas para bilhar ocorreu no final da década de 1960, num período em que a economia brasileira passava por uma fase de expansão em seu desenvolvimento econômico, época essa que ficou conhecida como “milagre brasileiro” (RANGEL, 1986). Período no qual (1968 a 1973), o Brasil apresentou significativas taxas de crescimento industrial e do PIB, passando a produção industrial de 15,5% para 16,2% e a Produção Interna Bruta de 9,3% para 11,4%, acompanhados do decréscimo da taxa de inflação, de 31,9% em 1968 para 19% em 1973, segundo o referido autor.

No entanto, a consolidação da produção industrial de mesas para bilhar em Jaguapitã ocorreu nas décadas seguintes, quando tanto a economia mundial como a brasileira haviam entrado fase recessiva do quarto ciclo longo (4º Kondratieff)² iniciado em 1973, com a crise do petróleo (RANGEL, 1986), estando essa consolidação e expansão sempre relacionadas às iniciativas de agentes sociais locais.

Segundo Fresca (2004, p.196), “[...] quando se diz que eram iniciativas e investimentos predominantemente locais implica em dizer que houve transferência de capital de atividades urbanas e rurais em direção à implantação de unidades industriais”. Fora o caso dos precursores da atividade em Jaguapitã, Levi Vieira e Nestor Ananias Cruz, ambos de origem urbana que trabalhavam como representantes comerciais de artigos para vestuário no Norte do Paraná, e que resolveram, em 1967, ainda de forma modesta, iniciar a produção industrial de mesas para bilhar na cidade, por meio da fábrica Cruz & Vieira. Segundo Levi

²Segundo Rangel (1986), os ciclos de Kondratieff têm duração de cerca de 50 anos, sendo a primeira metade ascendente (fase a) e a segunda depressiva (fase b), a primeira marcada por inovações tecnológicas que eleva a produtividade do trabalho e conseqüentemente aumento da produção desestimulando os investimentos e provocando a fase b, a depressiva, na qual são criadas novas inovações tecnológicas dando início a uma nova fase a.

Vieira (2005), a idéia surgiu após o proprietário de um estabelecimento comercial (bar) de uma cidade do norte-paranaense ter solicitado a eles que trouxessem de Ponta Grossa-PR uma mesa para pebolim³. Assim que a mercadoria fora entregue, os dois amigos perceberam que era uma atividade lucrativa e resolveram iniciar a produção de mesas para pebolim.

Após a produção das primeiras mesas para pebolim, os sócios resolveram investir paralelamente na produção de mesas para bilhar, tendo em vista que nos bares os fregueses preferiam esse jogo ao de pebolim, que geralmente era mais jogado por crianças e adolescentes. Nisto, os marceneiros contratados na época, a partir de uma mesa para bilhar adquirida pelos proprietários da Cruz & Vieira, desmontaram e reproduziram na seqüência as peças, parte a parte, para a fabricação de outras mesas, dando assim início à produção industrial de mesas para bilhar. Como a preferência pelas mesas para bilhar nos estabelecimentos comerciais era maior, as mesas para pebolim ficaram em segundo plano.

³ Jogo popularmente conhecido como pebolim ou pimbolim (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e sul de Minas Gerais), totó (Pernambuco, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pará e outros), pacau ou fla-flu (Rio Grande do Sul), foi inspirado no futebol e consiste em manipular bonecos presos a manetes, possibilitando "jogar futebol" numa mesa.

Com capital oriundo de financiamento bancário e rendas pessoais de seus salários, compraram uma camionete, a matéria-prima (madeira, tecido, bolas, etc.) e um barracão onde eram fabricadas carroças, iniciando a produção de mesas de pebolim, e na seqüência mesas para bilhar.

Segundo entrevista com os precursores da atividade, nos primeiros anos eles enfrentaram muita dificuldade em relação à obtenção da matéria-prima (taco, tecido, bola, parafuso), que só era encontrada na cidade de São Paulo-SP. Em virtude disso, eles se deslocavam duas vezes por mês para adquirirem tais produtos.

Ainda nesses primeiros anos, devido à pequena produção, eles locavam⁴ mesas apenas em bares de cidades na região nordeste do Paraná como Jacarezinho, Venceslau Braz, entre outras. Somente nos anos de 1973 e 1974 conseguiram expandir a locação de mesas para cidades do interior do estado de São Paulo, incluso a capital, em função de contatos estabelecidos durante as viagens para aquisição de matéria-prima.

⁴ Na fábrica de mesas para bilhar após a produção, os fabricantes não vendem o produto, eles fazem um acordo comercial, tendo como base um percentual estipulado no acordo entre o proprietário da mesa e o dono da casa comercial. Esse percentual é sobre o total de dinheiro arrecadado pela venda das fichas em cada mesa num período de quinze a vinte dias de cada mês.

A partir de 1975, passaram a ter um bom retorno da atividade e expandiram a produção, fato que possibilitou a ampliação da locação de mesas no interior de São Paulo, além de propiciar no decorrer dos anos, a expansão para outras áreas tais como cidades litorâneas de Santa Catarina e região metropolitana de Porto Alegre-RS. Com isso, tiveram que contratar mais funcionários para fazer a linha⁵, pois apenas os dois proprietários já não conseguiam realizar todo o trabalho. Consequentemente houve a ampliação das instalações físicas da fábrica, em função da necessidade de espaço para os equipamentos adquiridos, para a matéria-prima e mesas que estavam sendo produzidas, agora, em uma quantidade maior que na década anterior. Em função disto, ocorreu, naquele momento, a transferência da fábrica da Avenida São Paulo para as atuais instalações na Avenida Paraná, na área central da cidade de Jaguapitã.

Ainda no final da década de 1960, fora criada a segunda fábrica de mesas para bilhar por iniciativa do pai de José

Antônio Zago. Essa família de origem urbana e com experiência na atividade de marcenaria, mais especificamente na produção de carroças e móveis, migrou de Iepê-SP (em 1950) para a cidade de Lupionópolis-PR, onde montara outra marcenaria, continuando a produzir carroças, carrocerias para caminhões e móveis como mesas, cadeiras, armários, entre outros, para serem vendidos na região Norte do Paraná. Em 1966, a família mudou-se para Jaguapitã e com o dinheiro obtido com a venda da marcenaria anterior, havia montado outro estabelecimento para continuar atuando no mesmo ramo.

Contudo, como em 1969, a produção de mesas para bilhar estava despontando como atividade lucrativa na cidade, a família Zago, que já detinha sua própria marcenaria resolveu diversificar a produção e começou a fabricar mesas para bilhar. Para tanto, não precisara dispor de novos investimentos, pois as máquinas que eram utilizadas na produção de carroças e móveis foram facilmente adaptadas para a fabricação de mesas para bilhar. Tão pouco a família precisou adquirir camionetes para o transporte de mesas para locação, pelo fato de restringir-se apenas à produção de mesas num primeiro momento. Portanto, essa família passou a fabricar as mesas para bilhar e vender as mesmas para pessoas que estavam

⁵ Fazer a linha é uma expressão que designa o deslocamento periódico de funcionários de uma indústria de mesas para bilhar a diferentes cidades a fim de realizarem as seguintes tarefas: receber o lucro de cada mesa a partir da venda das fichas, fazer a manutenção das danificadas; locar mais mesas em outros bares e quando necessário retirar mesas dos estabelecimentos cujos proprietários não desejam mais.

começando a montar apenas as linhas de locação nos estados do Mato Grosso e Goiás, além de Jaguapitã. Somente em abril de 1987, a família Zago investiu na locação de suas próprias mesas, passando a estabelecer linhas em várias cidades dos estados do Paraná e do Mato Grosso.

No decorrer da década de 1970 poucas fábricas haviam sido instaladas em Jaguapitã. Essa atividade tomou impulso maior na cidade a partir da década de 1980, face o sucesso obtido pelas primeiras. Segundo entrevistas com os donos de fábricas de mesas para bilhar, no decorrer da década de 1970/1980, vários estabelecimentos comerciais do tipo bares foram instalados na cidade com o objetivo de terem mesas para bilhar no seu interior. Assim, as unidades fabris começaram a se desenvolver, tornando-se uma alternativa para muitos agricultores que se deparavam com problemas nessa atividade a partir do final da década de 1970 e início de 1980, quando as transformações na agropecuária se concretizaram em Jaguapitã, via mecanização da lavoura.

Nesse contexto de ampliação das áreas ocupadas pelas culturas da soja, do trigo e do algodão e de redução da área destinada à cafeicultura, bem como de significativas mudanças nas relações sociais de trabalho no campo (sendo o porcenteiro e colono substituídos paulatinamente pelo trabalhador

assalariado), inúmeros agricultores resolveram ou foram obrigados a migrar para a cidade, passando alguns a investir a renda acumulada nas atividades agrícolas - com destaque para a cafeicultura - nas fábricas de mesas para bilhar que já despontavam como empreendimento lucrativo, conservando a propriedade rural como um complemento da renda, mediante a criação de gado bovino ou culturas mecanizadas. Cerca de 60% dos atuais proprietários de fábricas de mesas para bilhar tiveram origem rural e apenas 40% se dedicavam às atividades urbanas, anterior à produção industrial.

É importante ressaltar que essa reconstrução da gênese da produção industrial de mesas para bilhar em Jaguapitã, deixa claro que a primeira indústria instalada por Levi Vieira e Nestor Ananias da Cruz foi precursora, pelo fato: “[...] que desta unidade produtiva emergiram outras, seja pela criação da sociedade e quando de seu rompimento, um dos ex-sócios abriu nova empresa; e principalmente, seja pela experiência gerada aos funcionários que depois iniciaram atividades industriais” (FRESCA, 2005, p.5559).

A respeito da consolidação da produção industrial em Jaguapitã, a mesma ocorreu justamente numa fase recessiva mundial e agravada no Brasil a partir de

1980, conhecida como “década perdida” em função da perda do ritmo de crescimento comparativo ao período anterior, com destaque para a redução da produção industrial e os altos índices inflacionários (RANGEL, 1986). Essa etapa recessiva levou agentes sociais locais a buscarem e implantarem medidas e soluções que naquele momento pudessem fazer frente à perda de ritmo do crescimento econômico (FRESCA, 2004). Noutras palavras, partindo das proposições de Cheptulin (1982), entendemos que as possibilidades de realização criadas a partir da incidência de processos gerais, concretizaram-se mediante a combinação do necessário com o contingente. Ou seja, a realização do processo industrial enquanto uma das possibilidades emanadas do todo no referido período, só ocorreu em Jaguapitã a partir da existência correlacionada de aspectos internos (o necessário) com circunstâncias ou variáveis externas (o contingente).

Essas iniciativas locais de pequenos proprietários rurais, comerciantes ou de ex-funcionários com técnicas e habilidades, foram responsáveis no decorrer das décadas pela implantação e consolidação do setor produtivo industrial de mesas para bilhar em Jaguapitã, sendo criadas 04 fábricas entre os anos de 1967 – 1977; 10 unidades entre os anos de 1980-1990; no período compreendido entre

1991-2000 foram instaladas 10 empresas e no início dos anos 2000 outras 03 empresas. A cidade tem concentrado aproximadamente 46 unidades fabris ativas, ocupando assim, nos últimos anos, o patamar de centro urbano com maior concentração de fábricas de mesas para bilhar no território brasileiro e, por conta da aquisição de matérias-primas e da locação dessas mesas em linhas, passou a participar de rede de relações diversas com outros núcleos urbanos em uma escala nacional.

A produção e a organização do trabalho nas fábricas de mesas de bilhar

Segundo os levantamentos de campo realizados em 2011 e por Veiga (2006 e 2007), a organização adotada nessas fábricas de mesas para bilhar é distinta daquela empregada nas agroindústrias avícolas e demais estabelecimentos fabris existentes na cidade. Isso devido à produção das mesas não ser realizada nos moldes produtivos taylorista e/ou fordista, ou seja, não foram adotados nessas indústrias os princípios básicos de organização científica do trabalho, inexistindo a produção em massa, o parcelamento das tarefas e especialização do trabalhador com um número limitado de gestos repetidos constantemente durante a jornada de trabalho, a linha de produção,

dentre outros aspectos (GOUNET, 1999, p. 18-19). Tão pouco se adotou os princípios da produção preconizados pelo sistema toyotista, que pode ser caracterizado dentre outros aspectos pela organização flexível e integrada do trabalho nas indústrias (CORIAT, 1994).

Diferentemente das demais, naquelas fábricas em que se produzem mesas para bilhar, todo o processo produtivo se resume ao marceneiro e seus auxiliares, funcionários esses que dominam todas as etapas de produção de uma mesa desde o corte da madeira até o acabamento final, tendo os mesmos pleno domínio dos equipamentos. Esses funcionários da produção fabricam todas as peças (o corpo ou base da mesa, o quadro, as tabelas, os pés e fazem todo o acabamento final em cada mesa montada) muitas vezes organizadas em lotes de produção. Ressalta-se aqui que na maioria das fábricas, os demais funcionários responsáveis pelas linhas não tem total acesso à produção das mesas, mesmo nos períodos que não estão viajando. Os mesmos somente ajudam na reforma das mesas de suas linhas, o que evitava se tornarem futuros concorrentes.

Mediante essa organização nas fábricas de mesas para bilhar de Jaguapitã, pode-se afirmar que essas unidades fabris ainda têm conservados os aspectos adotados nas primeiras unidades instaladas

na década de 1970, quando um marceneiro ao ter contato com uma mesa já fabricada conseguira reproduzir todas as etapas de produção da mesma a partir de moldes, em uma forma de produção semelhante ao manufactureiro, cabendo a este trabalhador a responsabilidade de realizar todas as etapas de produção.

Essa forma de organização da produção industrial de mesas, nos dias atuais ainda continua similar em todas as fábricas presentes na cidade, isso porque as técnicas produtivas iniciais, desenvolvidas pelo marceneiro da unidade pioneira, foram absorvidas e aprimoradas pelos demais estabelecimentos que passaram a ser instalados a partir da década de 1970. Organização produtiva essa que tem resultado na produção de mesas nos mesmos moldes e com formatos semelhantes.

Assim, em todas as fábricas o trabalho do marceneiro envolvia basicamente as seguintes etapas: corte da madeira e similares, montagem da mesa, colagem dos laminados e acabamento final, por último a colocação do tecido sobre a ardósia. O marceneiro também realizava o trabalho de lixar e polir os tacos e as bolas, de fabricar o suporte para mesa, no caso os pés, além de lixar a ardósia antes de revestir a mesma com tecido.

Na figura 02 a seguir, é possível visualizar algumas etapas de produção de uma mesa nas fábricas de Jaguapitã. Primeiramente fabrica-se a base da mesa feita em madeira (1), em seguida essa base é revestida com a fórmica e a ardósia é fixada na parte superior (2 e 3). Ao fundo (3) peças que irão compor a mesa, denominadas “quadros” pelos marceneiros. O “quadro” juntamente com a tabela, será fixado na parte superior da mesa. Cumpridas essas primeiras etapas, utiliza-se um equipamento para realizar o acabamento final na ardósia (4). Esse equipamento é feito sob encomenda na Indústria Lanametal Ltda, localizada em Ribeirão Preto-SP. As peças denominadas “pés” da mesa para bilhar também são fabricadas pelos marceneiros. Cada peça possui um acessório de alumínio que tem por função adequar a mesa às irregularidades do piso no estabelecimento

comercial (5). Por fim, após a fabricação, cada mesa é recoberta na parte superior por um tecido verde (6) ou por uma capa confeccionada com tecido de napa

Além da fabricação, quando necessário, os marceneiros também eram responsáveis pela reforma das mesas que foram danificadas durante a locação nos estabelecimentos comerciais, trabalho esse que consistia na verificação dos danos e na troca de peças ou partes que apresentavam problemas. Ressalta-se que na maioria das fábricas os funcionários que faziam a linha eram também os responsáveis por parte das reformas das mesas. Dependendo dos problemas apresentados pelas mesas locadas, a reforma girava em torno da substituição do tecido, já em outros casos era realizada em cerca de 80% de uma mesa ou era feita uma reforma total, sendo nesses casos necessária a presença do marceneiro.

Figura 2: Principais etapas de produção das mesas para bilhar. Fonte: Veiga, 2007.



Ainda em relação à produção das mesas faz-se necessário salientar que essas fábricas no decorrer das décadas apresentaram poucas alterações em relação aos equipamentos utilizados para a produção. Os equipamentos básicos utilizados pelas primeiras fábricas como a desgrossadeira, a serra circular, a tupia, furadeira horizontal e a furadeira vertical, ainda continuam sendo utilizados na fabricação das mesas, evidenciando assim um investimento relativamente baixo na aquisição de maquinários. Segundo Veiga (2007), isso se deve às características de um produto que exige quantidade pequena de máquinas para o trabalho com a madeira e também à forma de produção, que por ser semelhante ao manufactureiro, não demanda a utilização de equipamentos sofisticados.

Virtualmente, essa forma de produzir, em parte, possa ser explicada a partir do entendimento do processo de locação das mesas. Como essas fábricas, em sua maioria, não comercializam a mesa e sim realizam locações em diversos tipos de estabelecimentos comerciais mediante acordo comercial, esses empresários vão formando linhas de locação, dispersas por várias cidades, estando estas linhas, até o ano de 2007, concentradas em dez estados

brasileiros e em algumas cidades da Argentina, Uruguai e Paraguai, conforme figura 03. Ressalta-se que esse mercado consumidor fora ampliado nos últimos anos, com o acréscimo das linhas nos estados de Goiás, Mato Grosso e Rondônia, além da organização de novas linhas de locação no estado do Acre (Levantamentos de campo, 2011).

Os levantamentos de campo em 2006/2007 e 2011 deixaram transparecer que a maior preocupação desses fabricantes é a formação e manutenção das linhas de locação, que em verdade, tem sido muito mais lucrativo que a comercialização das mesas, como pode ser observado na tabela 01, a seguir

Os valores apresentados na tabela 01, embora hipotéticos, demonstram que o processo de produção de mesas para locação tem sido mais lucrativo dado que as 250 mesas vendidas ao preço médio de R\$ 900,00 resultarão em um lucro líquido de R\$ 87.500. Enquanto que o mesmo número de mesas locadas numa linha com lucro líquido mensal de R\$ 6.700,00, ao final de doze meses o industrial terá obtido R\$80.400,00; no final de vinte e quatro anos R\$ 160.800,00 e com perspectiva de lucro a cada ano de propriedade da linha.

Figura 03: Mercado consumidor das indústrias de mesas para bilhar de Jaguapitã (2006/2007).



Fonte: Veiga, 2007.

Tabela 01: Lucros Obtidos a Partir da Comercialização e da Locação de Mesas para Bilhar (2007) Fonte: Veiga, 2008.

Comercialização (venda) de mesas				
Qtde de mesas	Custo médio de produção	Preço médio de venda	Lucro bruto	Lucro Líquido
250	R\$ 550,00	R\$ 900,00	R\$ 225.000,00	R\$ 87.500,00
Mesas locadas em linhas				
Qtde de mesas	Custo médio de produção	Preço médio de venda (mensal)	Lucro bruto (mensal)	Lucro Líquido
250	R\$ 550,00	xxxxxxxxxxxx	R\$ 12.500,00	R\$ 6.700,00

Assim, o capital inicial de R\$ 137.500,00 investido para produzir 250 mesas a um custo de produção médio de R\$ 550,00, no final de sessenta meses ou cinco anos pode resultar num lucro líquido de R\$ 402.000,00 - isso se mantida a expectativa de arrecadação média de R\$ 50,00 por mesa, ao mês, para o industrial. Além desse lucro líquido parcelado das mesas em uma linha de locação, esse industrial ainda detém a propriedade das mesas que representam um tipo particular de capital imobilizado, algo que aquele industrial que vendera as mesas não possui mais. Ressalta-se ainda que o tempo útil de cada mesa gira em torno de cinco a vinte anos, estando o mesmo relacionado à qualidade da matéria-prima utilizada pelo industrial e às condições de exposição da mesa no estabelecimento comercial⁶.

Para cada linha de locação o empresário destina uma camionete e dois funcionários, sendo um o responsável pela organização e realização do trabalho na linha e o outro o ajudante. Ambos têm sob sua responsabilidade em média um total de 200 a 250 mesas para bilhar locadas. Todos os meses eles se deslocam para o trabalho na linha; geralmente a saída acontece sempre no início da primeira

⁶Segundo os levantamentos de campo em 2006, as mesas expostas aos raios solares, a água da chuva e a presença de insetos como cupins, além de demandarem maior manutenção mensal, acabam tendo menor tempo de vida útil, em torno de cinco anos.

quinzena e o retorno para Jaguapitã no final da segunda quinzena de cada mês.

Durante a permanência na linha por quinze dias⁷ os funcionários são responsáveis pelo recebimento do lucro de cada mesa; pela manutenção da mesma procedendo com uma reforma ou troca daquelas danificadas, assim como fazem locação de novas mesas em estabelecimentos comerciais que ainda não possuem as mesmas, e ainda retiram mesas de estabelecimentos que têm baixo faturamento mensal ou porque o comerciante não está pagando o percentual combinado para o industrial.

Durante a permanência quinzenal na linha, esses funcionários geralmente ficam em um barracão da própria empresa, o qual eles denominam depósito. A localização desse depósito fica na cidade onde há maior aglomeração de mesas locadas, para facilitar o trabalho diário dos funcionários. Além da cidade com maior concentração de mesas locadas, eles fazem cobranças em outras cidades onde possuem mesas locadas, mas isso se dá durante o trajeto de ida para depósito ou durante o retorno para Jaguapitã. Por exemplo, em uma linha de Jaguapitã a Porto Alegre-RS que possui 200 mesas locadas, os dois funcionários param para

⁷ Em algumas empresas os funcionários permanecem mais tempo na linha, cerca de vinte dias, devido a quantidade de mesas que chega a 300 unidades ou até mesmo ultrapassam esse número.

receber a renda mensal de uma mesa numa cidade litorânea de Santa Catarina, os demais recebimentos e todo o trabalho são feitos na região metropolitana de Porto Alegre-RS, onde a fábrica para qual trabalham tem o barracão (depósito). Neste, eles ficam abrigados, também guardam as mesas que serão reformadas e as novas para serem locadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa especialização na fabricação de mesas para bilhar, com gênese no final da década de 1960, teve origem nas iniciativas de agentes sociais locais que com parcos capitais iniciaram a atividade em instalações modestas, com poucos equipamentos e alguns funcionários para a produção. A expansão do número de unidades desse ramo nas décadas seguintes ocorreu da mesma forma, sempre correlacionada às iniciativas locais.

Em se tratando da instalação e expansão dessas fábricas, além da iniciativa de agentes sociais locais, a produção com baixíssimo nível de divisão social do trabalho e o uso de equipamentos muito simples também permitiram até certo ponto, a forte presença e expansão das fábricas de mesas para bilhar, contrariando as tendências da denominada reestruturação produtiva do setor industrial, que vem desde os anos de 1980

e 1990 impondo a cada dia, maior incorporação de inovações como um dos caminhos para a competitividade oligopólica de certos setores produtivos.

O desenvolvimento e a consolidação desse ramo industrial na cidade acabaram por atribuir um novo papel a Jaguapitã na divisão territorial do trabalho e na sua reinserção junto à rede urbana norteparanaense, quando passara de um centro local com funções urbanas voltadas ao atendimento da produção e da população do campo, para centro urbano especializado na fabricação de mesas para bilhar, após década de 1970. Mesmo que tal processo não tenha alterado sua classificação como cidade com nível muito fraco de centralidade, essa especialização produtiva propiciou à cidade, interações com outras redes urbanas no âmbito nacional, ampliando significativamente as interações espaciais seja na obtenção de matérias-primas seja na montagem das linhas de locação das mesas. Entende-se assim, que a cidade de Jaguapitã, ao desenvolver a atividade produtiva industrial de mesas para bilhar passara a ser inserida em outras redes, cujas escalas de abrangência são amplas internas e externamente à própria rede urbana norteparanaense.

REFERÊNCIAS:

CORIAT, B. C. Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização. Rio de Janeiro: Revan: UFRJ, 1994.

CORREA, R. L. A rede urbana. São Paulo: Ática, 1989.

CHEPTULIN, A. A dialética materialista: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

FRESCA, T. M. A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista. 1990. 282 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 1990.

_____. Transformações da rede urbana do norte do Paraná: estudo comparativo de três centros. 2000. 432 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo-SP, 2000.

_____. Em defesa dos estudos das cidades pequenas no ensino de geografia. Geografia, Londrina, v.10, n.01, p. 27-34, jan/jun. 2001.

_____. A rede urbana norte paranaense: de um padrão tipo christalleriano a uma condição de diversidade e complexidade. In: FRESCA, Tânia Maria (org.) Dimensões do espaço paranaense. Londrina: Ed. UEL, 2002. p. 1-28

_____. A rede urbana do norte do Paraná. Londrina: Eduel, 2004.

_____. A rede urbana norte-paranaense e cidades especializadas em produções industriais: Araçongas, Apucarana e Cianorte. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10, 2005, São Paulo. Anais... São Paulo, 2005, p. 5554-74.

_____. Redefinição dos papéis das pequenas cidades na rede urbana do norte do Paraná. In: ENDLICH, A. M.; ROCHA, M. M. Pequenas cidades e desenvolvimento local. Maringá: PGE, 2009. p. 41-68.

GOUNET, T. Fordismo e toyotismo na civilização de automóvel. São Paulo: Boitempo, 1999.

IBGE. Censo Demográfico – *Paraná*. 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/default_resultados_dou.shtm. Acessado em: dez. 2011.

RANGEL, I. Economia: milagre e anti-milagre. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

SANTOS, M. Espaço e sociedade: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

VEIGA, L. A. Jaguapitã-PR: pequena cidade da rede urbana norte- paranaense especializada na produção industrial de mesas para bilhar. 2007. 217 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina – PR, 2007.

_____. O controle do mercado industrial de mesas para bilhar no sul do Brasil por Jaguapitã-PR. 2008. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina-PR, 2008.